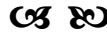


ALARGA-SE O HORIZONTE... REVISTA “CIDADE NOVA” NO BRASIL E A DIFUSÃO DA PROPOSTA EDUCATIVA DOS “FOCOLARES” (1957-1967)

DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/2236-3459/70560>

Maria José Dantas

Universidade Federal do Sergipe, Brasil.



Resumo

As revistas, dentre outros suportes, têm revelado aos historiadores da educação a circulação de saberes e um conjunto de códigos considerados necessários à formação educacional em diferentes tempos e espaços. Assim, enfatizando o debate sobre os usos desse impresso nos estudos de História da Educação Católica, essa investigação se debruça de modo específico sobre a primeira década de circulação no Brasil de “Cidade Nova”, uma publicação vinculada aos Focolares, (um Movimento eclesial, pedagógico e civil iniciado na Itália pela professora Chiara Lubich, durante a Segunda Guerra Mundial). Através da análise dos artigos e cartas publicados na revista, foi possível identificar estratégias apresentadas pelo impresso, tendo em vista divulgar a perspectiva educacional do Movimento Focolarino.

Palavras-chave: Chiara Lubich, educação católica, Focolares, revista Cidade Nova.

ONE WIDENS THE HORIZON... “CIDADE NOVA” MAGAZINE IN BRAZIL AND THE DISSEMINATION OF EDUCATIONAL PROPOSAL OF THE “FOCOLARES” (1957-1967)

Abstract

Magazines, among other media, have revealed to historians of education circulation of knowledge and a set of codes considered necessary for educational training in different times and spaces. Thus emphasizing the debate about the uses of this printed resource in studies of the History of Catholic education, this research focuses specifically on the first decade of circulation of “Cidade Nova” in Brazil, a publication linked to the Focolares, an ecclesial, educational and civil movement initiated by teacher Chiara Lubich, during the Second World War. Through the analysis of articles and letters published in the journal, it was possible to identify strategies presented by the printed resource, taking into account to disseminate the educational perspective of the Focolares’ movement.

Keywords: Chiara Lubich, catholic education, Focolares, Cidade Nova magazine.

SE ALARGA EL HORIZONTE... REVISTA “CIDADE NOVA” EN BRASIL Y LA DIFUSIÓN DE LA PROPUESTA EDUCATIVA DE LOS “FOCOLARES” (1957-1967)

Resumen

Las revistas, dente otros soportes, tienen revelado a los historiadores de la educación la circulación de los saberes y un conjunto de códigos considerados necesarios a la formación educacional en diferentes tiempos y espacios. Así, enfatizando el debate sobre los usos de ese impresso en los estudios de Historia de la Educación Católica, esa investigación se debruza de modo específico sobre la primer década de

circulación en Brasil de “Cidade Nova”, una publicación vinculada a los Focolares, un Movimiento eclesial, pedagógico y civil iniciado por la profesora Chiara Lubich, durante la Segunda Gran Guerra Mundial. A través del análisis de los artículos y cartas publicados en la revista, fue posible identificar estrategias presentadas por el impreso, llevando en cuenta la perspectiva educacional del Movimiento Focolarino. Palabras clave: Chiara Lubich, educación católica, Focolares, revista Cidade Nova.

ÉLARGIR L’HORIZON... REVUE “NOUVELLE CITÉ” AU BRÉSIL ET LA DIFFUSION DE LA PROPOSITION DE FORMATION DES “FOCOLARI” (1957-1967)

Résumé

Les revues, parmi autres supports, ont révélé aux historiens de l’éducation la circulation de savoirs et un ensemble de codes considérés comme nécessaires à la formation scolaire dans de différents temps et espaces. Dans cette perspective, en soulignant le débat sur les usages de cette édition dans les études d’Histoire de l’Éducation Catholique, cette recherche porte un regard spécifique sur la première décennie de circulation au Brésil de “Nouvelle Cité”, une édition des Focolari, Mouvement eclesial, pédagogique et civile fondé par l’enseignante Chiara Lubich, pendant la Deuxième Guerre Mondiale. À travers l’analyse des articles et des lettres publiées dans la revue, nous avons pu identifier des stratégies présentées par l’édition, pour diffuser la perspective formatrice du Mouvement des Focolari.

Mots-clés: Chiara Lubich, l’éducation catholique, Focolari, revue Nouvelle Cité.

Introdução

As revistas são veículos de comunicação com grande circulação em variados espaços. Nos diferentes lugares por onde passamos, encontramos exemplares em suas várias categorias: pedagógicas, científicas, infantis, de variedades, entre outras. Existe uma relação de proximidade entre o leitor e esse tipo de publicação, o que tornou fato corriqueiro ver alguém andando, naturalmente, com algum dos seus impressos favoritos debaixo do braço.

Nas últimas décadas, muitos estudos têm enfatizado o surgimento e a historicidade dessas publicações. Vários historiadores voltaram-se para análise das contribuições de determinados jornais e revistas para a sociedade. Os aportes advindos da Nova História Cultural possibilitaram ao pesquisador, fundamentação teórica para novas pesquisas em História da Educação, bem como para o estudo dos impressos em suas várias categorias, isso tem levado muitos estudiosos na busca por ampliar fontes tradicionais de pesquisa.

Dentre os novos objetos que vão sendo incluídos nos trabalhos de historiadores da cultura, os impressos, as revistas e os periódicos constituem fontes privilegiadas. No que diz respeito aos estudos sobre história da educação brasileira, esse tipo de documentação permite que se ultrapasse a mera história das ideias pedagógicas. Ao relocar o texto e o uso a que foi submetido, o pesquisador consegue fazer o que Chartier (1987) designa por “captar a história de determinado impresso” e, assim, perceber os conflitos, maiores ou menores, que ocasionou desde sua produção até sua circulação e sua apropriação pelos leitores. (BARREIRA, 2004, p. 402)

Enveredando por direção semelhante, esta investigação busca, através da análise da primeira década de circulação no Brasil da Revista Cidade Nova, a verificação de práticas, conceitos educacionais, inovações metodológicas, entre outros aspectos.

“Cidade Nova” é uma publicação mensal, vinculada ao Movimento dos Focolares¹, um Movimento nascido no âmbito católico, mas que possui abertura ecumênica e diálogo inter-religioso e intercultural, e, está difundido em quase 200 países dos cinco continentes. Esse impresso aborda vários assuntos das diferentes áreas do conhecimento, com destaque para a educação. É uma revista que apresenta como objetivo, a pretensão de contribuir na formação de “homens novos”², por isso, contempla, em suas edições, artigos para a formação espiritual, bem como artigos relacionados à cultura, à economia, ao esporte, à política e à educação.

Assim, nesta análise, nossos olhares se voltaram, sobretudo, para a década 1957-1967, com o objetivo de investigar a produção e circulação da revista Cidade Nova no Brasil, de modo particular, verificando sua abordagem como dispositivo formador católico, no tocante às questões educacionais. A pesquisa documental foi realizada no arquivo da Editora Cidade Nova, localizado no município de Vargem Grande Paulista, São Paulo.

¹ Focolares vem da palavra italiana *focolare*, que significa “lareira”, lugar onde está o fogo que aquece o lar e fornece luz e calor. O Movimento, que foi iniciado pela professora italiana Chiara Lubich, é de “Vida e Espírito”, trata de questões humanas e espirituais e atua nas várias expressões da sociedade.

² Expressão usada inicialmente por São Paulo, em suas cartas, para designar a profunda renovação que o Evangelho, pela ação do Espírito Santo, provoca no ser humano (LUBICH, 1993, p. 186).

As primeiras atividades da investigação consistiram em realizar um estudo sobre o impresso, de modo geral, visando conhecer suas particularidades, as condições de seu surgimento na Itália e a difusão no Brasil. Em seguida, foi realizado um levantamento dos primeiros artigos publicados na revista sobre educação, analisando seu conteúdo, historicidade, dimensão social, mudanças de percepção, envolvimento com a realidade educacional brasileira, e outros aspectos. A análise levou em conta os objetivos da revista, suas perspectivas para a educação e alguns acontecimentos marcantes da primeira década de circulação.

Durante a pesquisa, foram localizados alguns estudos já realizados no Brasil sobre a revista Cidade Nova, no entanto, eles abordaram perspectivas diferentes daquela investigada neste estudo: Emanuela Silva Ribeiro (2003), em sua monografia de conclusão do Curso de Comunicação Social abordou a maneira como a revista “Cidade Nova” trata a questão política; José Antônio Faro³ (2002) escreveu uma tese sobre “A Fraternidade na proposta da revista ‘Cidade Nova’ e na percepção dos leitores”; Cláudio Sampaio Barbosa (2005) em sua dissertação de Mestrado, investigou “A intertextualidade e o dialogismo que ocorre entre a revista ‘Cidade Nova’ e o Movimento dos Focolares”; Bruna Vieira Guimarães (2006) produziu um trabalho sobre “O movimento social ‘Focolarino’ e as matérias de capa da revista ‘Cidade Nova’”; a mesma autora em 2008 publicou na edição italiana *Città Nuova* o artigo “*Dentro la comunicazione*” (Em comunicação). Maria José Dantas (2008) analisou 25 anos de circulação de Cidade Nova no Brasil (1980-2005), com o olhar, sobretudo, para as publicações relacionadas aos textos explicativos das Campanhas da Fraternidade⁴, que enfatizaram a educação e que foram lançadas pela Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, CNBB.

Primeiras páginas

A revista Cidade Nova foi criada na década de 50 do século XX, inicialmente como um boletim informativo, publicado na Itália com o nome *Città Nuova*. Tinha o objetivo específico de manter ligados os participantes da *Mariápoli* um evento promovido pelo Movimento dos Focolares, comunidade leiga que surgiu em Trento, cidade ao norte da Itália, num contexto pedagógico, social, eclesial e civil e teve como fundadora a professora católica Chiara Lubich⁶.

³ Redator da revista de 1998 a 2011.

⁴ É uma atividade ampla, de evangelização, desenvolvida nacionalmente pela Igreja Católica do Brasil desde 1963, através da CNBB. Acontece no período da quaresma e visa ajudar os cristãos e as pessoas de boa vontade a viverem a fraternidade em compromissos concretos, no processo de transformação da sociedade, a partir de um problema específico, que exige a participação de todos na sua solução (Conselho Nacional de Igrejas Cristãs - CONIC, 2000, p. 17).

⁵ A palavra *Mariápoli*, ou Mariápolis em português, quer dizer Cidade de Maria. A finalidade é construir um esboço de sociedade permeada pela prática do Mandamento Novo de Jesus (Amai-vos uns aos outros; Jo 15,17) na sociedade (LUBICH, 1993, p.187). Atualmente, esses encontros continuam acontecendo e duram vários dias. Geralmente são realizados em períodos de férias em praticamente todas as regiões do mundo. Nessa “cidade de Maria” temporária, seus habitantes procuram, através de uma convivência de amor recíproco, traçar metas para construir uma sociedade renovada, tendo como base o amor e o Evangelho.

⁶ Para mais informações consultar: DANTAS, Maria José. Literatura de Viajante: Chiara Lubich, uma professora italiana no Brasil. In: DANTAS, Maria José; ORLANDO, Evelyn de Almeida; SILVA, Alexandra Lima da (Orgs.). *Mulheres em Trânsito: intercâmbios, formação docente, circulação de saberes e práticas pedagógicas*. Curitiba, PR: CRV, 2015. p. 125-142.

Em 1943, durante a Segunda Guerra Mundial, Chiara juntamente com um grupo de alunas e algumas jovens que participavam da Ordem Terceira Franciscana⁷, descobriram nas circunstâncias da guerra, maneiras diferenciadas de colocar em prática o Evangelho e o Cristianismo, evidenciando, sobretudo, a unidade e a fraternidade. Enquanto casas, prédios e monumentos históricos desmoronavam por conta dos bombardeios, muitas famílias fugiam da cidade e procuravam abrigo nas montanhas, mas essas jovens abriram mão de seus ideais e decidiram permanecer em Trento para ajudar pessoas feridas e desabrigadas.

Com o fim da Guerra em 1945, o espírito de solidariedade manteve-se vivo naquele grupo, que foi crescendo cada vez mais. Aos poucos, outros jovens foram atraídos pelo estilo de vida, assim como famílias, sacerdotes, freiras, políticos, etc. Estas pessoas começaram a se encontrar anualmente para passar um período de férias juntos, nas montanhas Dolomitas e assim aprofundar aquela espiritualidade que estava surgindo na Igreja Católica. Esses encontros foram chamados de “*Mariápolis*,” e naquela época duravam dois meses.

A partir desses momentos em grupo, surgiu a necessidade de fazer um informativo que pudesse constantemente manter em contato aquelas pessoas, para que não se dispersassem e não se esquecessem de viver os princípios doutrinários ali estudados. Foi nesse contexto que, em 14 de julho de 1956 teve início a revista *Città Nuova* (Cidade Nova), como um informativo quinzenal, circulando inicialmente em Trento e aos poucos também em outras cidades da Itália, com notícias, meditações e cartas.

O nome “Cidade Nova” provavelmente não foi uma invenção dada ao acaso. Como hipótese, pode-se pensar que, por um lado deveu-se à experiência vivida durante aqueles dias na “*Mariápolis*”, todos inseridos no clima de fraternidade e solidariedade, e por outro lado, é importante lembrar que ao longo da história do catolicismo, a ideia de cidade é frequentemente encontrada. Santo Agostinho (2003), teólogo e filósofo, considerado um dos doutores da Igreja, salienta, em uma de suas principais obras, “*Cidade de Deus*”, a importância dessa categoria. O livro, escrito no século V, mostra, por meio dos textos sagrados do Antigo Testamento, que a cidade está presente na narrativa de juizes, profetas e reis. No Novo Testamento, ela é caracterizada pelos aspectos da vida de Jesus nas diversas cidades por onde passou e, também, pelo Apóstolo Paulo, que viajou e escreveu para várias comunidades.

Segundo Agostinho, existem duas cidades: a cidade terrena e a cidade celestial. A cidade terrena vem da ideia, basicamente relacionada ao Antigo Testamento, com “*Caim e Abel*”. Caim seria pertencente à cidade dos homens, cidade do pecado e da morte e Abel participante da cidade de Deus. A cidade celestial é a da graça e da bênção de Deus, tem origem teológica, está ligada à existência da sociedade. “As cidades

⁷ A Ordem Terceira é uma das três componentes da família Franciscana. A Primeira Ordem é composta pelos Frades, a Segunda pelas religiosas contemplativas (as Clarissas, fundadas por Santa Clara) e a Terceira Ordem pelos cristãos empenhados de diversas maneiras em viver o Evangelho ao modo de São Francisco, permanecendo no próprio estado secular, seguindo uma Regra específica escrita por São Francisco e aprovada pela Igreja. Os irmãos e irmãs da Terceira Ordem Franciscana secular se constituem uma família religiosa, com congregações próprias, nas quais se reúnem periodicamente sob a direção de um dos padres da Primeira Ordem. Estão em comunhão de méritos e indulgências com os frades menores e com as irmãs Clarissas (*Manuale Completo del Terz'Ordine Francescano*. Firenze: Giannini, 1932, p. 10, tradução nossa).

desempenham um papel decisivo na evolução dos povos, porque é nelas que se elaboram as doutrinas, as ideologias e os sistemas que inspiram as grandes transformações sociais” (ÁVILA, 1991, p. 79).

É na cidade onde a vida acontece, na cidade estão mergulhados todos os desafios presentes na humanidade: conflitos entre gerações, miséria, anseios sociais, entre outros. A cidade é, antes de tudo, um local de concentração de diversificados agentes sociais.

A palavra cidade no contexto do Movimento dos Focolares, é uma expressão muito presente. Começando pelas Mariápolis (Cidades de Maria), em seguida aparece o título da revista e, posteriormente começam construções de “Cidadezinhas” ou Mariápolis permanentes⁸ que com o passar dos anos foram surgindo em diversas partes do mundo. São compostas por casas, praças, empresas, editoras, igrejas, escolas, centros de convenções, quadras de esporte, campos de futebol, ateliês, padarias, cemitérios, dentre outros espaços. Esses locais são regidos por diretrizes elaboradas por Chiara Lubich, bem como, são animadas por seu discurso formador.

Alarga-se o horizonte: da Itália para o Brasil

No estudo dos impressos é importante conhecer a forma e o conteúdo, para uma compreensão da produção dos saberes pedagógicos que emanam da publicação. Lembrando Chartier (1994), segundo o qual “não há texto fora do suporte que o dá a ler ou a ouvir”, nesta pesquisa foi importante conhecer a publicação em todos os seus aspectos, para melhor compreender esse processo.

Os primeiros números de *Città Nuova*, que inicialmente eram restritos aos participantes da Mariápolis na Itália, aos poucos começaram a circular em outros espaços e também em outros países. Durante esta investigação, foi localizado um exemplar com data de 20 de setembro de 1957, um folheto mimeografado, que possivelmente trouxe para leitores brasileiros que conheceram a revista na Itália, o primeiro artigo publicado em português.

A revista era traduzida na Europa por alguns sacerdotes do Brasil que estudavam em Roma. Provavelmente, a coerência e vivacidade dos princípios educativos e valores cristãos que o impresso abordava, começou a chamar atenção das autoridades eclesiais brasileiras, visto que, em 1958, mediante diversos pedidos do então Arcebispo de Recife e Olinda, Dom Antônio de Almeida Moraes, alguns membros do Movimento dos Focolares,

⁸ As Mariápolis permanentes são as cidadezinhas testemunho onde moram, por determinado período, famílias, sacerdotes, religiosas, jovens, crianças e adultos. Para formação dessas pessoas, nos princípios do Movimento, existem cursos nas diversas modalidades e, também, diversos trabalhos nos quais os habitantes desenvolvem suas potencialidades. Geralmente, também, existem espaços para conferências, inclusive com salas, refeitórios e quartos para hospedagem. Atualmente, são 34 em todo o mundo, cada uma com características próprias, de acordo com o país ou a região onde estão localizadas. A Mariápolis de Ottmaring, na Alemanha, testemunha a unidade e o ecumenismo através da convivência entre católicos e luteranos; a de Tagaytay (Manila), nas Filipinas, enfatiza o diálogo inter-religioso; em Fontem, na República dos Camarões, o testemunho é, sobretudo, através do campo da saúde, onde médicos e outros profissionais dessa área se dedicam aos cuidados com o povo bangwa, atingido por muitas doenças e com alto índice de mortalidade infantil; No Brasil, em resposta aos problemas sociais, são três as Mariápolis: “Ginetta”, em Vargem Grande Paulista-SP, “Santa Maria”, em Igarassu-PE e “Glória”, em Benevides-PA. Maiores informações consultar: <<http://www.focolare.org/page.php?codcat2=1076&codcat1=268&lingua=PT>>.

dentre eles Enzo Morandi⁹, vieram morar em Pernambuco¹⁰ e com a vinda deles, a revista começou a chegar com frequência, dando início à circulação regular de Cidade Nova em solo brasileiro.

Com um olhar para a materialidade da revista, pode-se observar que as primeiras edições que foram traduzidas para o português no ano de 1957 mais pareciam um jornal. Foram encontrados sete números com textos mimeografados, que variam entre duas e quatro páginas. Na diagramação, logo após o título, consta uma frase com o local da redação para os leitores de língua portuguesa: Via Tigre 1 – Roma. Na revistoteca da Editora foi possível encontrar um volume com todas estas publicações, devidamente encadernadas.

Em 1958, a revista, ainda em formato de jornal, publicou 10 edições quinzenais até maio daquele ano. A n.º. 1, de 15 de janeiro de 1958, apresentou 4 páginas em preto e branco com o título em vermelho. Em termos de conteúdo, era formada basicamente por: editorial, meditação, experiências dos leitores e informação sobre assinaturas. Quanto ao número de páginas, na primeira fase – quinzenal - a revista era composta por uma variação entre 4 e 6 páginas, com o formato de 32cm X 21cm. O endereço para correspondências continuava o de Roma. Em julho de 1958 nasceu definitivamente a revista e passou a ser mensal. Também começou a ser impressa em formato de um caderninho com 12 páginas, com nova diagramação, adição de gravuras e um vermelho com tonalidade forte na faixa do título. Quanto ao conteúdo, apresentava informativos sobre a Mariápolis (da Itália), meditação, testemunhos e informações sobre assinaturas. Em 15 de agosto publicou 16 páginas, com gravuras mais definidas. A primeira foto publicada na revista foi “*La Pietà*” de Michelangelo. Nessa edição apareceu o primeiro artigo sobre educação. A publicação de outubro e novembro, em um único exemplar, apresentava 20 páginas, já a edição de dezembro tinha apenas 16 páginas, vale ressaltar que essa edição apresentou a primeira capa com imagem, o exemplar media 22cm X 16cm.

Em 1959, oficialmente o segundo ano de circulação da revista no Brasil, o impresso apresentou 11 números, com os meses de janeiro e fevereiro compilados em uma única edição. Apenas esse número era composto por 20 páginas, as outras edições tiveram 16 páginas. A revista nesse período continuava com o formato de 22cm X 16cm. Durante esse ano foram publicados dois artigos sobre educação e a seção “Correspondência” passou a se chamar “Colóquio com os leitores”.

Em 1960, a revista editou 10 números com os meses de julho e agosto, bem como novembro e dezembro, reunidos em um único exemplar. Nestes casos, quando a revista editou um único número para dois meses, o volume de páginas foi sempre maior, tanto que a revista de julho e agosto é formada por 24 páginas e a de novembro e dezembro, identificada como um “número especial”, apresenta 32 páginas. As demais revistas foram publicadas com 16 páginas. No n.º. 7/8 de julho e agosto, encontramos o primeiro sumário. O tamanho da revista era basicamente o mesmo dos anos anteriores, 22cm X 16cm. Durante esse ano foram publicados dois artigos sobre educação e também a partir desse período o leitor contava com um endereço para correspondências no Brasil.

⁹ Um dos primeiros articulistas da Revista Cidade Nova.

¹⁰ Primeiro estado brasileiro onde a espiritualidade do Movimento dos Focolares chegou.

Todas as cartas deveriam ser endereçadas ao senhor Enzo Morandi em Recife.

No ano de 1961, as revistas publicadas não tiveram numeração de mês, nem ano de circulação. A revista foi publicada em quatro edições, todas com sumário, e com 16 páginas. Apresentou como característica diferente das demais, o formato de 42cm X 21cm.

O ano de 1962 foi representativo na história da revista “Cidade Nova”, porque até então o impresso continuava sendo publicado em Roma e traduzido por sacerdotes brasileiros que estudavam lá. Porém, segundo Morandi (2005) “em um belo dia, chegou a notícia que cessaria a publicação lá em Roma e que nós deveríamos nos organizar localmente para imprimir a revista.” Por conta da necessidade de um local central para que o periódico fosse publicado, o Movimento dos Focolares abriu uma casa em São Paulo, porque era uma cidade considerada o coração industrial e financeiro do país e assim daria melhores condições para publicação da revista. O primeiro local da redação era o quarto de um pequeno apartamento, depois passou para outro local, mas também um pequeno quarto embaixo de uma escada. O primeiro exemplar impresso em solo brasileiro foi o de outubro, novembro e dezembro de 1962. Nesse ano a revista também apresentou uma nova configuração de sumário e o endereço para correspondências passou a ser o de São Paulo.

Nos anos 1963 e 1964 a revista continuava trimestral, possuindo praticamente o mesmo formato, publicou apenas um artigo sobre educação no ano de 1963. Nos anos 1965 e 1966 o *layout* da revista foi alterado e ela passou a ter a nomenclatura: “Cidade Nova - Revista Católica Internacional”. Mudou o formato que passou a ser 21cm X 16cm, mas continuou trimestral. A imagem da capa também permaneceu a cidadezinha, em cores claras. As revistas do nº. 1 ao nº. 3 possuem 64 páginas e a nº. 4, 60 páginas. A revista nº. 2 publicou artigo sobre educação.

Em 1966, a capa continuou sendo a cidade, porém desenhada com tinta branca em cores com tonalidades fortes como, amarelo, vermelho, azul e utilizando papel cartão. O *layout* permaneceu: “Cidade Nova, Revista Católica Internacional”. Ela continuou trimestral e apresentava variação na numeração de páginas: os números 1 e 2 possuem 64 páginas, o nº. 3, 52 páginas e o nº. 4, 56 páginas. O nº. 2 publicou artigo sobre educação.

Em 1967, ela passou a ser bimestral e as fotos voltaram a aparecer na capa, agora em melhor qualidade e também voltou a seção “cartas dos leitores”. O *layout* passou a ser “Cidade Nova”, revista bimestral da Editora Cidade Nova Ltda. A maior parte das revistas desse ano possuía 32 páginas, exceto a nº. 1 e 2 que era composta por 28 páginas e a nº. 6 com 36 páginas. A revista nº. 4 mostrou a primeira capa totalmente colorida.

Percebe-se que em boa parte da década de 1960 a revista foi trimestral. A capa era dura e vinha com o desenho de uma cidadezinha. Simbolicamente, supõe-se que a imagem visava lembrar o leitor sobre a necessidade de formar nesta terra outras cidades novas, iluminadas por luzes da formação humana, fraternal e espiritual.

A história da circulação da revista no Brasil teve algumas peculiaridades. Inicialmente, as revistas vinham da Itália em um navio e os membros do Movimento iam buscar as caixas no Porto de Recife. Como forma de difundir os preceitos do Movimento e, ao mesmo tempo, tornar conhecida a revista, principalmente entre os católicos, as

revistas eram vendidas nas portas das Igrejas, após a missa dominical. Essa estratégia possibilitou divulgar a espiritualidade do Movimento dos Focolares ali em Pernambuco e nos estados vizinhos, como enfatizado por Morandi (2005): “ela foi um meio de expansão, porque atingiu pessoas que talvez nunca tivéssemos chegado a conhecer”. Certamente, proporcionou também que muitas ideias e preceitos formativos católicos enfatizados pela Igreja e por Chiara Lubich fossem divulgados a um número maior de pessoas.

O Brasil daquele período tinha no governo Juscelino Kubitschek, um presidente que enfatizava perspectivas de otimismo e almejava o desenvolvimento. Mas, na verdade, existiam as contradições, visto que a realidade educacional do povo e a alimentação não foram contemplados com o tão sonhado progresso. Segundo Morandi (s/d), “a região Nordeste, comparada a outras regiões do Brasil, ainda hoje é considerada pobre; naquela época, apresentava-se como um ambiente fechado, separado do resto do país”.

Diante do quadro de pobreza encontrado no Brasil, o início do Movimento foi impulsionado pelo desejo da solução dos mais graves problemas sociais. Os focolarinos empenharam-se na ajuda aos moradores da “Ilha do Inferno”, um bairro de Recife, e também nas várias atividades com os moradores dos loteamentos vizinhos ao local onde começou a ser construída a “Mariápolis Santa Maria”, em Igarassu, Pernambuco.

A revista como ferramenta educativa

A Revista Cidade Nova teve sua origem mergulhada no âmbito católico e em um contexto pedagógico. A professora Chiara Lubich utilizou o impresso como um veículo de comunicação onde podia expressar livremente suas orientações cristãs e formativas, com um discurso didaticamente voltado para a defesa das convicções da Igreja Católica. Nos artigos que escrevia e que eram publicados na revista, buscava meios para convencer os receptores sobre a novidade da mensagem divulgada e possivelmente usufruiu do poder simbólico de ser professora e fundadora de um Movimento amplo, o que lhe garantia a confiabilidade dos leitores e aos poucos também foi conquistando espaço no campo católico.

De acordo com Lubich (2003), a educação é uma área de atuação no Movimento dos Focolares. Ainda segundo a autora,

O processo educativo pode ser definido como o itinerário que o educando (indivíduo ou comunidade) percorre, com a ajuda do educador ou dos educadores, na direção de um dever ser, de um objetivo considerado válido para o homem e para a humanidade. (LUBICH, 2003, p. 275)

Neste sentido, a Revista Cidade Nova, desde os seus primeiros números, é propagadora de conceitos educativos tipicamente baseados em valores evangélicos, bem como na dimensão de fraternidade e solidariedade. Percebe-se que existe na revista uma preocupação com a formação do leitor, tanto no campo da religiosidade, como nos aspectos físico, moral e educativo. Assim, buscando investigar propriamente as publicações sobre educação, o principal foco de interesse nesta análise, teceremos a seguir, uma descrição dos artigos de modo individualizado.

O primeiro artigo da Revista Cidade Nova que enfatiza a educação é de Spartaco Lucarini. Foi publicado na página 02 da revista do dia 15 de dezembro de 1957 e tem como título: “Uma pedagogia nova para a era espacial”. O autor aborda a necessidade de

formar os filhos atualizando-os conforme as novas situações provenientes do desenvolvimento técnico e científico da humanidade. Mas enfatiza a questão de que, o coração do menino não se forma somente na escola, mas anteriormente no lar, pelos cuidados da própria mãe e já desde pequeno deverá aprender como rezar durante a missa e outros deveres cristãos. Por fim, ele contempla os filhos e o universo e sente que deve ser um educador novo.

Percebe-se que o artigo, ao mesmo tempo em que visa enfatizar como os pais devem proceder na educação e formação religiosa dos filhos, parece apontar também para indícios de um momento histórico nos estudos sobre o universo e sobre a necessidade do educador ter habilidade para lidar com o “novo” na sociedade.

O segundo artigo é de Igino Giordani¹¹, foi publicado nas páginas 14 e 15 da revista nº 12 de 15 de agosto de 1958 e teve como título “Recordação de uma mestra”. O autor apresenta uma professora de sua infância. Ele relembra suas aulas com bastante saudosismo e dentre outras coisas, fala que ela aplicava o método didático de Jesus: “santificava-se para santificá-los, amando a cada um como a si mesmo”. A aula significava para ela o cumprimento da vontade de Deus: portanto um ato sagrado.

Com este artigo, o autor parece indiretamente indicar aos leitores, e de modo particular às professoras, um modelo de educadora que deve ser coerente com os princípios cristãos.

O terceiro artigo é de Ada Iacopozzi, e foi publicado nas páginas de 6 a 8 do nº 1-2 de 1959. Tem como título “4º ano Primário”. Na verdade o texto não é exatamente um artigo, mas se trata de um depoimento de uma professora sobre seus 30 anos de ensino nas escolas primárias italianas. Em seu último ano de ensino, deu aulas em uma classe feminina do quarto ano primário e fez da leitura do Evangelho com os alunos, o seu método de ensinar. Segundo ela, as horas de aulas adquiriram o sabor de “uma aventura maravilhosa” e naquela turma aconteceu uma pequena revolução, percebida por superiores, colegas de ensino e pelas famílias. Segundo a Professora,

A nova vida nascida ao redor da escola explodia em mil episódios, era qual fermento renovador, porque a Jesus não são precisos grandes meios para mudar a face da terra: também um grupo de meninas inocentes, unidas em Seu nome, pode ser instrumento apto nas mãos de Deus. (IACOPOZZI, 1959, p. 8)

Esse é mais um artigo onde há prescrições sobre como deve agir cristãmente uma professora, tanto na condução da turma, quanto na metodologia que pode ser utilizada para ensinar e lidar com seus alunos.

O artigo seguinte é de Silvano Cola, foi publicado na revista nº 8 de 1959 e tem como título “Cristo na Pedagogia”. Dentre outras coisas, diz que a relação educando-educador é uma relação de serviço mútuo em que cada um se anula pela vida do outro. Humanamente, não é possível senão usando uma ficção que, todavia, não atinge a realidade. Um homem não pode se anular noutro homem, mas sim em Deus. Então, segundo o autor, o educador deverá servir a Deus na criança, porque tudo o que lhe fizer, o fará ao próprio Jesus e assim, Jesus se torna parte essencial da relação educativa.

¹¹ Escritor, jornalista e político católico italiano. Era especialista em história da Igreja e conhecedor do pensamento social cristão. Foi editor da revista *Città Nuova* por muitos anos, era conhecido como “Foco”.

Também neste número, a revista apresentou as respostas de uma enquete dedicada às crianças, mas possivelmente também do interesse de pais e professores, por englobar aspectos didáticos, psicológicos e religiosos. Foi pedido a algumas crianças que contassem os testemunhos de como viviam sobrenaturalmente na família, na escola e com os colegas de brincadeiras. Alguns desses relatos foram publicados na revista.

Observa-se que a publicação apresenta dois seguimentos de leitura em âmbito educacional. O primeiro voltado para como deve ser a relação entre professor/aluno e aluno/professor, cujo modelo deverá ser o do Mestre dos Mestres, Jesus. O segundo ponto são os relatos das crianças sobre suas ações nos vários ambientes. Assim, pressupõe-se que ao mesmo tempo em que o artigo é dirigido aos professores, a revista como um todo, deveria tornar-se interessante também para os pais que poderiam mostrar aos filhos os exemplos de como uma criança cristã deveria proceder.

Em 1960, no nº 2, páginas de 8 a 11, Tomaso Sorgi escreveu o artigo “Escolas do nosso tempo”. O autor fez uma análise dos princípios da pedagogia moderna, à luz do Corpo Místico de Cristo. Segundo ele,

Depois de ter feito bem tudo o que deve, sobre o plano humano, com a ajuda da pedagogia, da didática, da medicina e de outras ciências, o educador pode chamar Deus para fecundar seu trabalho [...] então Deus completará no educando a obra iniciada, manifestando-se sempre mais como luz e como força vital no íntimo de sua alma em flor. (SORGI, 1960, p. 11)

O autor parece encorajar os educadores, mostrando que, após toda ação humana e processo didático na escola, eles deverão pedir a Deus que continue o trabalho espiritualmente, manifestando-se ao educando, iluminando-os e cultivando-os.

Ainda em 1960, nº 7/8, páginas 19 a 21, Bruna Tomasi publica “Um homem fabricado sob medida”. O artigo é uma crítica à lei Krusciov, uma lei comunista da União Soviética relacionada à educação. A autora faz uma análise da pedagogia comunista. Dentre outras críticas, diz que o mundo comunista não é somente materialista, e teoricamente ateu, mas age ativamente contra Deus, o qual entre as cem transformações e adaptações do comunismo, fica sempre e imutavelmente, o seu inimigo central.

Percebe-se nesse artigo, e também na revista como um todo, a preocupação em afastar os leitores de tudo aquilo que tende a afastar o homem de Deus, de modo específico chamando atenção para os perigos do comunismo. Também nesta edição, a revista tratou sobre uma reunião dos educadores europeus, onde foram abordados temas como “A relação entre a Igreja e a escola” e o “Método do Amor.”

Em 1961, como também em 1962 não foram publicados artigos sobre educação escolarizada. A revista esteve permeada de formação humana, mas em algumas publicações tratou apenas sobre a educação num sentido familiar.

A segunda revista publicada em 1963, da página 46 à 50, apresenta o artigo de Luciano Alves, “Um único mestre”. O autor trata sobre um encontro de educadores que foi realizado na Itália, na década de 50, com a presença do Papa Pio XII. Nesse encontro, estavam presentes professores, inspetores, diretores, que trocaram experiências de como vivenciavam a pedagogia baseada no Evangelho. Também ali foram apresentados temas e motivações para solidificar essa realidade de uma pedagogia baseada nos ensinamentos de Jesus. Segundo o texto, os problemas da escola só terão sua solução

em pedagogia e em legislação, quando houver, no ambiente da escola, milhares de educadores que, vivendo de uma nova maneira souberem exprimir em si mesmos as normas pedagógicas, e apresentá-las à sociedade. No final deste encontro, um dos participantes apresentou um depoimento enfatizando que a partir daquele momento havia encontrado uma confiança nova, e que sabia que poderia verdadeiramente trabalhar na escola.

Percebe-se que ao tratar sobre um evento para educadores, realizado com a presença do Papa, a revista, mais do que noticiar, parecia procurar mostrar aos professores católicos o quanto a Igreja se preocupava e insistia sobre a importância de que seguissem os preceitos do Evangelho em suas atividades docentes.

Não consta nenhum artigo publicado sobre educação no ano de 1964, mas em 1965, nº 3, páginas de 29 a 33, um professor (não identificado), conta seu testemunho de ação pedagógica. Em “História de uma classe”, o educador faz um relato de como era seu relacionamento com os alunos e de como conseguiu, através de atos concretos, desenvolver um trabalho fraterno e solidário em sala de aula. Através do diálogo com os alunos, foi conquistando a confiança deles individualmente e aos poucos também no grande grupo, entre os colegas, tornando harmoniosa a convivência na escola.

Pensando na interação existente entre a revista e seus leitores e também com os membros do Movimento, possivelmente esse texto se trata de uma carta ou depoimento recebido, que foi escrito por algum leitor da revista, que desejava compartilhar com outros colegas sua iniciativa e seu trabalho.

Nesta mesma direção, consta o artigo “Aquela ‘tremenda terceira série’” publicado no nº 2 de 1966, páginas de 19 a 25. O texto trata sobre a experiência de um educador que também não está identificado. O professor deveria ensinar em uma turma cujo diretor já não sabia mais o que fazer, porque eram 26 jovens, dos quais, doze repetentes. Os alunos hostilizavam professores e o próprio diretor e na primeira aula esse professor foi objeto de rancor e de pouca consideração por parte deles. Sua atitude inicial foi conversar francamente com eles para tentar levantar a autoestima. Sugeriu que antes de tudo deveriam acreditar no seu potencial e assim, durante todo o ano ele fez esse trabalho carinhoso e encorajador com os alunos e todos foram aprovados nos exames finais.

Percebe-se que, por meio dessas experiências concretas, a revista procurava mostrar exemplos e encorajar os professores a permanecerem firmes diante das dificuldades encontradas no dia a dia da em sala de aula.

Em 1967 não foi publicado nenhum artigo abordando a temática educacional.

Após a leitura destes artigos, pode-se tecer algumas considerações. Possivelmente grande parte dos textos foram escritos por autores europeus. Todos eles retrataram determinado ângulo da realidade educacional da Europa, tanto no que diz respeito aos acontecimentos, quanto às experiências. No entanto, pode-se argumentar que, se eles foram traduzidos e publicados no Brasil, possivelmente, deve-se ao fato de que existia um interesse local de que estes valores do cristianismo e de uma educação baseada no amor ao próximo se propagassem também em terras brasileiras.

Outro aspecto a ser evidenciado é que a circulação destes artigos no Brasil possibilitou a difusão da proposta educativa dos Focolares, visto que a revista que estava em suas primeiras publicações, procurava enfatizar a realidade educativa do Movimento e o discurso formativo de Chiara Lubich. Assim, o impresso deveria mostrar aos brasileiros

uma Pedagogia que tinha como base a unidade, baseada, sobretudo, no testamento de Jesus: “Pai que todos sejam um, como eu e Tu, somos um, para que o mundo creia” (Jo 17,21). E também contava com um método de ensino voltado para os ensinamentos de Jesus. A ideia parecia ser que, esses princípios se difundissem e encontrassem mais adeptos no Brasil. Neste sentido, pode-se pensar na revista Cidade Nova como uma “caixa de utensílios” conforme nos aponta Marta Carvalho (2000). A revista deveria oferecer ao professor uma série de modelos para ensinar (CARVALHO, 2000, p.174).

Torna-se evidente que a Revista Cidade Nova surgiu permeada da religiosidade vivida no âmbito do Movimento dos Focolares, no entanto é importante salientar que no início da circulação da revista, o Movimento não era ainda reconhecido oficialmente pela Igreja, o que requeria uma preocupação maior em seguir às normas clericais. Em algumas das primeiras revistas, em língua portuguesa, aparece o item “censor eclesiástico” ou “com aprovação eclesiástica”, um emblema que caracteriza uma forma de legitimar que a circulação de determinado impresso é aprovada pela Igreja Católica.

Nesta investigação da primeira década de circulação da revista Cidade Nova, foi necessário em alguns momentos um alargamento do marco temporal, tanto para antes, quanto para depois, no sentido de compreender os contextos do surgimento da revista e também a verificação de sua continuidade. Em seus 58 anos de circulação no Brasil, a revista já passou por vários formatos, jornal, caderninho e aos poucos foi ganhando a forma que circula nas primeiras décadas do século XXI.

A revista conta com mais de trinta edições espalhadas nos cinco continentes sendo publicada em cerca de 22 línguas. A edição brasileira de Cidade Nova possui uma tiragem média de 30 mil exemplares, contudo ainda não existe uma venda avulsa da revista nas bancas de jornal. Desde o seu surgimento a revista conta com a ajuda de uma rede de promotores voluntários que se empenham no contato pessoal para efetivarem as assinaturas. Essas pessoas reconhecem a importância das publicações de Cidade Nova e querem levar a todos a possibilidade de conhecer e adquirir essa publicação.

O compromisso de Cidade Nova consiste em defender os valores mais autênticos e promover a aproximação das pessoas e dos povos. [...] A revista apresenta em suas seções, grandes temas como a paz, a justiça, a solidariedade, a ecologia, questões internacionais e também temas ligados às realidades do Brasil: problemas sociais, reforma agrária, economia e vida da Igreja, entre outros. A linha editorial da revista se pauta na dimensão do homem na sua integralidade, por isso ela trata também de assuntos como psicologia, esporte, fotografia, cinema, literatura, cultura, arte e tem uma seção para entretenimento. Não poderia deixar de ter um destaque especial a preocupação com a formação espiritual dos leitores. (FARO, 2005)

Além disso, uma das características importantes de Cidade Nova é a participação ativa dos leitores em cada publicação. Na medida em que apresenta propostas e relatos de práticas pedagógicas, a revista desperta a atenção de educadores que constantemente se manifestam através de cartas. Desde os primeiros números da revista, a presença do leitor e das correspondências é tida como relevante. Os leitores contribuem como verdadeiros colaboradores, à medida que, com seus anseios, suas perguntas, dúvidas ou mesmo críticas, parecem ajudar a elaborar cada edição. Segundo Faro (2005), essa participação do leitor garante a reciprocidade na comunicação. E segundo ele, “esta é a meta de Cidade Nova, estabelecer um diálogo aberto com o leitor”.

Considerações finais

Observando a trajetória da revista Cidade Nova no Brasil, é possível verificar que ela se diferencia da maioria de impressos que conhecemos, até mesmo aqueles voltados para o público católico. A revista, que surgiu com o objetivo definido de ser um canal de comunicação e de informar aspectos restritos a um Movimento católico, aos poucos, começou a publicar artigos das diversas áreas do conhecimento, com enfoque na educação.

A revista é lida por adolescentes, jovens e adultos, lavradores, empresários, políticos, profissionais liberais, juízes, donas de casa, professores, comerciantes, sacerdotes, estudantes; por membros de diversas Igrejas e religiões. Segundo Faro (2002) “ela foi adotada também como material de formação humana, ética e espiritual em diversas instituições e empresas. A *Ligare*, uma empresa de telefonia de São Paulo, fez a assinatura da revista para os seus 400 funcionários.”

Outra questão relevante desde o início da circulação é que a revista não é sensacionalista, ela apresenta a realidade, como é. Os autores visam possibilitar uma leitura prazerosa, apresentando sugestões e incentivos, motivando o leitor a tornar-se protagonista de mudanças nos locais onde vivem, trabalham ou estudam.

Cada artigo tem uma temática diferente e também na maioria das vezes, são escritos por diferentes autores. Diante desta análise, é possível verificar que existe na revista uma preocupação com a formação do leitor, não apenas no âmbito da religiosidade, mas também nos aspectos social, físico, moral e educativo.

Por meio de depoimentos e relatos encontrados nas cartas dos leitores, é possível perceber que os artigos de Cidade Nova impulsionavam educadores, pais, alunos, políticos e outros membros da sociedade, a buscarem soluções, e a verem o positivo em muitas situações, mesmo nas mais difíceis.

Ao longo de sua circulação no Brasil, a Revista Cidade Nova tem procurado ser um canal de diálogo entre os homens. Fruto disso é que em 2005, pelos seus relevantes trabalhos em prol da dignidade humana, recebeu a Menção Especial do Prêmio Dom Hélder Câmara de Imprensa. Segundo o editorial da Revista de Junho de 2005 “a referência ‘ao conjunto da obra’ na justificativa desse reconhecimento revela que ele é dirigido a todos aqueles que fazem com que a nossa revista possa ser aquilo que deve ser: um veículo de difusão da cultura da fraternidade.”

Ressaltamos que esta análise acerca da contribuição dos impressos, e de modo particular da Revista Cidade Nova, no processo educativo brasileiro, se torna importante fonte para o desenvolvimento e a continuidade dos estudos sobre História da Educação Católica. É interessante olhar os impressos como documentos que têm muito a nos dizer sobre os processos educacionais do passado.

Referências

- BARBOSA, Cláudio Sampaio. *Intertextualidade e dialogismo na revista Cidade Nova*. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica/PUC-SP, 2005.
- BARREIRA, Luiz Carlos (Org.). Estudo de Periódicos: Possibilidades para a História da Educação Brasileira. In: MENEZES, Maria Cristina. *Educação, Memória, História: Possibilidades, Leituras*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2004.

- BIBLIA SAGRADA. Tradução: Centro Bíblico Católico. 31 ed. São Paulo: Ave Maria, 1981.
- BOURDIEU, Pierre. Gênese e estrutura do campo religioso. In: BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas*. 6 ed. São Paulo: Perspectiva, 2005. p. 27-78.
- _____. *O poder simbólico*. Lisboa: DIFEL; Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil, 1989.
- BRAGA, Aroldo de Oliveira. *Cais n. 10: Histórias dos 50 anos dos Focolares no Brasil*. Vargem Grande Paulista, SP: Editora Cidade Nova, 2009.
- BURKE, Peter. *O que é História Cultural?* Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.
- CARVALHO, Marta Maria Chagas de. A caixa de utensílios e a biblioteca: pedagogia e práticas de leitura. In: VIDAL, Diana Gonçalves; HILSDORF, Maria Lúcia Spedo. *Brasil 500 anos: Tópicos em História da Educação*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2001. p. 137-168.
- CENTRO CHIARA LUBICH. Disponível em: <<http://www.centrochiaralubich.org>>
- CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.
- CHARTIER, Roger. *À Beira da Falésia: a história entre incertezas e inquietude*. Porto Alegre: Ed. Universidade / UFRGS, 2002.
- _____. *A Aventura do Livro: do leitor ao navegador*. Tradução de Reginaldo de Moraes. São Paulo: Editora UNESP / Imprensa Oficial do Estado, 1999.
- _____. *A ordem dos livros: leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII*. Tradução de Mary del Priore. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1994.
- _____. *A História Cultural: entre práticas e representações*. Lisboa: Difel, 1987.
- CITTÀ NUOVA - CULTURA E INFORMAZIONE. Disponível em: <<http://www.cittanuova.it>>
- COLA, Silvano. Cristo na pedagogia. In: *Cidade Nova*, n. 8, agosto de 1969.
- COMPÊNDIO DO VATICANO II: Constituições, decretos, declarações. Petrópolis, RJ: Vozes, 1968.
- DANTAS, Maria José. Literatura de Viajante: Chiara Lubich, uma professora italiana no Brasil. In: DANTAS, Maria José; ORLANDO, Evelyn de Almeida; SILVA, Alexandra Lima da (Orgs.). *Mulheres em Trânsito: intercâmbios, formação docente, circulação de saberes e práticas pedagógicas*. Curitiba, PR: CRV, 2015. p. 125-142.
- _____. *Revista Cidade Nova e as propostas de educação*. 2008. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Sergipe - NPGED, São Cristóvão, SE, 2008.
- EDITORIAL. *Cidade Nova*. Vargem Grande Paulista, SP, v. 6, Junho de 2005.
- EDUCAZIONE UNITÀ - EDUCATION FOR UNITY. Disponível em: <<http://www.eduforunity.org>>
- FARO, José Antonio. *Entrevista à Assessoria de Imprensa da CNBB*. Brasília, 08 de maio de 2005.
- _____. Comunicar para Unir. In: *Cidade Nova*. Vargem Grande Paulista, SP, v. 07, julho de 2000.
- _____. *A Fraternidade na proposta da Revista Cidade Nova e na percepção dos leitores*. São Paulo: USP, 2002. GARCIA, Ir. Jacinta Turolo, CAPDEVILLE, GUY. *Educação Católica*. Bauru, SP: EDUSC; Brasília: UNIVERSA, 2001.
- GIORDANI, Igino. Recordação de uma mestra. In: *Cidade Nova*, n. 12, 15 de agosto de 1958.

GUIMARÃES, Bruna Vieira. *O Movimento social 'focolarino' e as matérias de capa da revista Cidade Nova*. 2006. Dissertação (Mestrado) - Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, SP, 2006.

GUIMARÃES, B. V. Dentro la comunicazione. *Revista Città Nuova*, p. 34-35. 25 fev. 2008.

IACOPOZZI, Ada. 4º Ano primário. In: *Cidade Nova*, v. 1-2, janeiro-fevereiro de 1959.

LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2003.

LUBICH, Chiara. *Ideal e Luz: Pensamento, Espiritualidade, Mundo Unido*. São Paulo: Brasiliense; Vargem Grande Paulista, SP: Cidade Nova, 2003.

_____. *Buscai as coisas do alto*. São Paulo: Cidade Nova, 1993.

LUCARINI, Spartaco. Uma pedagogia nova para a era espacial. In: *Cidade Nova*, 15 de dezembro de 1957.

MANUALE COMPLETO DEL TERZ'ORDINE FRANCESCANO. Firenze: Giannini, 1932.

MORANDI, Enzo. Entrevista concedida a autora: Vargem Grande Paulista - SP, 18 de julho de 2005.

_____. *Storia di Volo*. Vargem Grande Paulista, SP, s/d. (Texto inédito).

MOVIMENTO DEI FOCOLARI. Disponível em: <<http://www.focolare.org>>

Paulo VI Bispo da Igreja Católica e demais Padres Conciliares. *Declaração Gravissimum Educationis sobre a Educação Cristã*. Roma, 28 de outubro de 1965; Petrópolis - RJ, Vozes, 18 de abril de 1966.

REVISTA CIDADE NOVA. Ano I, n. 10, 30 de maio de 1958, p. 03.

RIBEIRO, Emanuela Silva. *A Construção de uma Política de Comunhão na Revista Cidade Nova*. Fortaleza: Universidade Federal do Ceará/UFC, 2003.

SORGI, Tomaso. Escolas do nosso tempo. In: *Cidade Nova*, n. 2, fevereiro de 1960.

TOMASI, Bruna. Um homem fabricado sob medida. In: *Cidade Nova*, n. 7-8, jul./ago. 1960.

MARIA JOSÉ DANTAS é professora do Departamento de Educação da Universidade Federal de Sergipe. Doutora em Educação pela Universidade Federal de Sergipe, com bolsa sanduiche no Instituto Universitario Sophia, na Itália. Membro da Sociedade Brasileira de História da Educação; integrante do grupo de estudos e pesquisas em História da Educação: memórias, sujeitos, saberes e práticas educativas/UFS. Tem experiência na área de Educação, atuando principalmente nos seguintes temas: leitura, escrita epistolar, impressos, culturas e práticas escolares, formação docente, história da educação, educação católica e gestão escolar.

Endereço: Rua Quirino, 888, Cond. Solar dos Ventos, Bl. 06 apto. 103 - Inácio Barbosa - 49040-700 – Aracaju/SE - Brasil

e-mail: mariajosedantas@yahoo.com.br

Recebido em 12 de janeiro de 2017.

Aceito em 30 de janeiro de 2017.